Elias Wolff

CAMINHOS DO ECUMENISMO NO BRASIL

História • Teologia • Pastoral

Paulinas

PAULUS

Editora SINODAL

Apresentação

O ecumenismo é, antes de tudo, um lindo sonho, nutrido pelo anseio espiritual por unidade da família cristã, já expressado na intercessão de Jesus ao Pai (João 17,21). Mas ele é também uma igualmente bela, embora ingente, tarefa incumbida às igrejas e a todas as pessoas cristãs. O uso da palavra "sonho" não pretende sugerir que ele seja irreal e inatingível, mas, ao contrário, uma meta pela qual vale a pena se empenhar. E, ao longo do caminho, já se concretizam significativos sinais de sua concretização.

Assim, tem-se dito, por exemplo, que o século XX foi o século da Igreja ou o século do ecumenismo. De fato, comparando-se o século XX com os séculos precedentes, não há como deixar de registrar (e alegrar-se) pelos avanços alcançados numa multiplicidade de encontros, diálogos e ações concretas da solidariedade humana e cristã, e isso em contraposição aos conflitos religiosos anteriores no interior da cristandade, incluindo até mesmo uma trágica Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Ainda que empregadas aqui e ali, as simples e genéricas condenações mútuas de séculos anteriores são hoje basicamente fenômenos do passado, nas relações entre as igrejas ditas históricas. Inversamente, são impressionantes as convergências e mesmo consensos teológicos alcançados, como também os exemplos de cooperação prática entre as igrejas nos mais diversos campos sociais.

Ainda assim, há também quem argumente ser o século XX o século do fracasso do ecumenismo. Ora, nunca houve um fracionamento da cristandade tão grande quanto hoje. A cristandade se constitui hoje, literalmente, por um múltiplo de milhares de unidades cristãs independentes, mesmo que muitas possam ser didaticamente agrupadas (por exemplo, ortodoxia, catolicismo, protestantismo, evangelicalismo, pentecostalismo, neopentecostalismo igrejas indígenas e igrejas independentes, já isto uma ampla diversificação). Temos, portanto, não apenas um pluralismo religioso, no sentido de haver no mundo muitas religiões,

entre as quais o cristianismo seria uma, mas também um extraordinário e crescente pluralismo intracristão. Mais, essas expressões religiosas e unidades cristãs já não se dividem, como no passado, ocupando, cada qual, espaços geográficos delimitados, mas ocupam crescente e simultaneamente os mesmos espaços geográficos, muitas vezes competindo entre si pela adesão de fiéis.

É, naturalmente, possível interpretar esse fenômeno de maneira positiva, realçando ser a Igreja, antes de tudo um movimento, um movimento do Espírito por exemplo, e nem tanto uma configuração institucional, mais estática. E isso seria benéfico para o crescimento da cristandade. Um líder de Igreja cristã, de matiz pentecostal, me explicou em certa ocasião por que não era adepto do ecumenismo: "Nós crescemos por divisão!" Eu lhe respondi que talvez, do ponto de vista fenomenológico, ele teria razão, mas que ainda assim, sendo esse o caso, eu não poderia concordar com ele, porque seria uma postura não bíblica e, portanto, não evangélica, contrária à vontade expressa de nosso Senhor Jesus Cristo. E me referi ao evangelho segundo São João 17,21, essa espécie de carta magna do ecumenismo. Ele ficou um tanto constrangido, porque, obviamente, nenhuma pessoa pentecostal haverá de se reconhecer ou ser desvendada como estando em contradição à Bíblia e ao Evangelho. Em réplica, ele enfatizou o mandato de missão, ao qual, segundo ele, os "ecumenistas" teriam renunciado. Em tréplica, eu apontei para o fato de que em João 17,21 a missão está umbilicalmente ligada ao ecumenismo, e vice-versa: unidade "para que o mundo creia".

Como seja, esse pequeno diálogo ilustra um dilema real: a urgência de testemunhar o Evangelho a um mundo tragicamente dividido, em muitos sentidos, e muitas vezes terrivelmente conflituoso, não remeteria os esforços pela unidade entre igrejas ao espaço da "perda de tempo e de forças"? Mesmo entre pessoas no mais adeptas de um ecumenismo em sentido amplo, pode haver a percepção de que esforços de diálogo doutrinário ou de entendimento entre lideranças de igrejas seriam uma supérflua perda de energias e estariam retardando a indispensável e premente ação social conjunta.

Não podemos, neste espaço, esmiuçar os contra-argumentos a essas alegações. Mas a mim me parece óbvio que o crescente plura-

lismo intracristão, na medida em que é exacerbado, e o é em muitos lugares e vertentes, constitui, além de caracterizar uma postura antibíblica e antievangélica, um sério risco para o convívio social. Não por acaso, registra-se um número crescente de conflitos, inclusive bélicos, que contam com e usam legitimações religiosas. Preconceitos e juízos condenatórios a expressões religiosas outras do que a própria proliferam, por exemplo, em redes sociais, também no tocante a diferentes vertentes dentro da cristandade. E não são poucos os exemplos do uso de violência contra expressões religiosas consideradas "heréticas" ou "demoníacas" por quem faz uso da violência e se sente legitimado por supostamente estar defendendo uma causa justa ou santa.

Em suma: o cenário religioso não dispensa o ecumenismo, antes o torna ainda mais necessário e urgente. Mais: não faz sentido discutir-se se determinada faceta de ecumenismo, por exemplo o diálogo doutrinal, é mais ou menos importante do que outra faceta, por exemplo a da ação social. Ao contrário, é preciso entender essas facetas como complementares, precisamente como facetas de um mesmo compromisso ecumênico.

Nesse sentido, o presente livro de Elias Wolff presta um muito relevante serviço à causa ecumênica no Brasil. Se ele tem uma abrangência restrita, na medida em que explora o desenvolvimento do ecumenismo nas relações entre igrejas-membro do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), ele o faz com um detalhamento e profundidade que não se pode encontrar em nenhuma outra obra. E não deixa de lado as implicações sociais e as dimensões teológicas, que se devem observar. Mais ainda: metodologicamente, Elias Wolff não se limitou a auscultar a literatura existente, mas pesquisou em arquivos, atas e outras fontes análogas. Ou seja, o desenvolvimento do ecumenismo entre essas igrejas é abordado detalhadamente em seus aspectos históricos, teológicos e pastorais.

Ao empregar no proêmio a figura da colcha que vai sendo costurada com muitas peças, mas que, à medida que vai sendo costurada, pode abrigar as diferentes vertentes, Elias Wolff também reconhece que no ecumenismo há "muitos caminhos", mas eles não precisam ser causa

de divisão e competição entre eles, mas devem ser descortinados como "convergentes". E a história que ele traça da relação entre as igrejas que integram o CONIC torna palpável que o empreendimento não só vale a pena, como corresponde ao espírito evangélico que anima essas mesmas igrejas, unindo-as num espírito e propósito em comum. "Que todos sejam um, como o Pai e o Filho o são, para que o mundo creia."

Walter Altmann

São Leopoldo, RS, outubro de 2017,
mês dos 500 anos da Reforma, um centenário
que em 2017 se comemora, por primeira vez, ecumenicamente,
não como fonte de divisão da cristandade ocidental,
mas como comprometimento comum com o Evangelho da graça de Deus,
em favor da humanidade, em Cristo.

Proêmio

Um dos principais desafios para a reflexão teológica na atualidade é orientar o diálogo entre as diferentes concepções de Deus, da Igreja, do ser humano, da vida no planeta, apresentado pelas igrejas e religiões. Essas buscam, de algum modo, identificar o mistério que a todos envolve e lhes configura o sentido que orienta a razão da existência. Uma Igreja ou religião que não se proponha a responder as sérias interpelações que se apresentam no universo simbólico-religioso das pessoas crentes dificilmente conseguirá colaborar em suas buscas do sentido último da existência. Contudo, cresce em nossos dias a consciência de que tal pretensão não pode ser absolutizada ou totalizada em uma tradição religiosa única, uma vez que não há possibilidades de exaurir a superabundância de sentido acerca do horizonte último em torno do qual se articulam os diferentes sistemas religiosos. Existe sempre um além no mistério que aparece como objeto de culto das igrejas e religiões e, consequentemente, objeto da reflexão teológica, que não pode ser apreendido plenamente, o que mostra que qualquer compreensão que dele se tenha será sempre limitada.

No âmbito cristão, isso tem a ver com o fato de que o entendimento do Evangelho se dá a partir de uma comunidade específica, uma Igreja local, que dá as marcas da confessionalidade como um elemento constitutivo da natureza da fé e do labor teológico realizado para a sua explicitação.

Simultaneamente – e pelo fato de que o que existe de "além" no objeto cristão da reflexão teológica configura a sua transcendência em relação a todo saber confessional – a teologia possui também natureza metaconfessional, exigindo de quem reflete sistematicamente a fé cristã e da sua comunidade eclesial a adoção de um comportamento de humildade, que possibilite o reconhecimento da legitimidade das expressões do mistério cristão por critérios epistemológicos que ultrapassam a *regula fidei* que marca a sua confessionalidade. Desse modo,

alargam-se os espaços para a compreensão da unicidade constitutiva do *kerygma* cristão, que, mesmo se presente numa Igreja, a transcende. E uma vez reconhecida a unicidade do objeto da reflexão que acontece nos diferentes espaços eclesiais onde se estabelece a relação com o mistério cristão, abre-se, então, a possibilidade para o encontro e o diálogo entre os diferentes saberes da fé cristã, tal como elaborado nas diferentes igrejas. A partir de então, faz-se mister reconhecer que a natureza do objeto da fé cristã não é apenas confessional e metaconfessional, mas é também interconfessional. Esse fato significa que entre as igrejas é possível (e necessária!) a busca de sintonia entre as diferentes experiências da fé e os diferentes critérios epistemológicos que embasam o *actus theologicus*, em busca de uma explicitação da fé cristã por meios que possibilitem aos discípulos e às discípulas de Cristo viverem na *koinonia* característica do seu credo.

Desse modo, a teologia não pode esquivar-se da necessidade de diálogo com os saberes que extrapolam as fronteiras confessionais, exigindo a busca de elementos que possibilitem a sua vinculação com compreensões do Evangelho que, mesmo se configurados *ad extra* à comunidade eclesial, situam-se no horizonte *ad intra* da fé cristã.

Isso exige reconhecer que a alteridade religiosa se manifesta numa diversidade de formas a partir das quais e com as quais apresenta suas exigências para o diálogo. Essa alteridade possui uma identidade configurada em seu próprio contexto e legitimamente autônoma. E o reconhecimento desse fato é um *a priori* a qualquer tentativa de aproximação e de diálogo. Sem esse reconhecimento, a diferença não se apresenta como possibilidade de diálogo e a teologia continua seu eterno monólogo: uma determinada Igreja fala consigo mesma, com verdades totalizadas na interioridade absolutizada pelo imobilismo teológico e doutrinário. Só no horizonte do diálogo é possível o encontro de diferentes saberes acerca do mesmo objeto. Este se torna comum aos que se encontram, mesmo se a sua explicitação assume formas diferenciadas (diá = através; logos = saber). Tal processo acontece pelo encontro de dois ou mais "outros", cada um manifestando seu saber no horizonte do tempo e da eternidade. É através (diá) do encontro de

saberes (logos) diferentes da fé cristã que se constrói a possibilidade da *oikoumene* na compreensão e vivência do *kerygma* cristão.

O que se pretende aqui é verificar a pertinência desse fato para compreender os caminhos do ecumenismo, na perspectiva cristã, em seus aspectos históricos, teológicos e pastorais. O objeto direto deste trabalho é o diálogo ecumênico no Brasil, considerado a partir das igrejas que compõem o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – CONIC. Considera-se aqui que a trajetória histórica, a reflexão teológica e a orientação pastoral dessas igrejas apresentam elementos relevantes para a unidade cristã. Articular sistematicamente esses elementos é o que permitirá verificar a intensidade e a consistência do diálogo que se realiza no país, e a importância dos organismos que o articulam, sobretudo o CONIC. Evidentemente, com isso não se pretende subestimar a positividade do diálogo ecumênico que se realiza também em outros espaços. Considerações, ainda se breves, são feitas a igrejas, religiões e organizações ecumênicas que promovem o diálogo para além do CONIC.

Peço licença para entrar na casa de meus irmãos e de minhas irmãs que pertencem a diferentes igrejas, nas tradições anglicana, luterana, metodista, presbiteriana, ortodoxa, batista, as pentecostais e outras. Com um respeito que adota a atitude de humildade e veneração, procurei ler os textos que lhes dizem respeito (livros, artigos, documentos), a fim de identificar os fios que tecem a sua profissão de fé e compreender o horizonte que lhes dá sentido. A motivação última foi considerar a possibilidade de amarrá-los com os fios que costuram a fé que professo na minha tradição eclesial. Unir esses fios faz-se necessário para que possamos, um dia, nos agasalhar sob a mesma colcha, tecida de modos diferentes, com retalhos de variadas cores e tamanhos, mas que não impedem que ela seja reconhecida como agasalho que a todos abriga. Assim, imagino professarmos e vivermos, um dia, a "nossa" fé cristã, na "nossa" Igreja.

Peço desculpas e compreensão aos irmãos e às irmãs das tradições religiosas que não contemplam os elementos da fé cristã, por não ter sido possível tratar aqui do diálogo que com eles se está construindo.

Tenho procurado com eles dialogar por meio de outras pesquisas também já publicadas. Costurar o diálogo intereclesial com o diálogo inter-religioso certamente daria uma beleza sem par ao tecido da unidade buscada. A colcha seria enriquecida com novos retalhos, novas cores, novas formas. E, quem sabe, poder-se-ia até mesmo criar um tecido completamente novo. Abrigaria muito mais. Mas isso exige a aquisição de critérios que possibilitem discernir com segurança quais são os fios que podem ser usados para a costura de uma "colcha comum", utilizando o credo da tradição cristã e os credos de outras tradições religiosas. Essa tarefa extrapola os objetivos que por ora aqui pretendo atingir. Por isso, dada a peculiaridade do método, da especificidade, do valor e da finalidade do diálogo inter-religioso, o leitor poderá aprofundá-lo em outros trabalhos que alargam as fronteiras do diálogo sobre a unidade cristã, o que não é o objetivo do presente estudo, embora se reconheça que a colcha está sendo também por ele costurada.

Que este trabalho sirva de alento para quem peregrina nos caminhos da unidade. Evidentemente, não se pretende apresentar aqui a totalidade dos caminhos percorridos. Eles são muitos: alguns bem traçados, definidos; outros em forma de trilhas que se refazem e se multiplicam constantemente; alguns que se tornam espaçosos e povoados; outros se estreitam, de acordo com os sonhos, as esperanças e os temores de quem caminha. Há caminhos que permitem vislumbrar a meta, e há caminhos interrompidos. E muitas são também as personagens da caminhada, com diferentes estilos de caminhar. A opção feita por apresentar alguns desses caminhos não quer significar divisão entre quem peregrina e de suas metas. Por um lado, trata-se de uma exigência metodológica. Por outro lado, estou certo que os caminhos aqui apresentados podem ser convergentes. Suas encruzilhadas apresentam possibilidades. Para prosseguir com segurança é preciso deixar transparecer a motivação fundamental: a presença do Espírito que indica a meta, fortalece os passos e amplia os horizontes. É o Espírito da inconformidade profética, ética e política diante das vias desencontradas na realidade de divisão, despertando para a construção de caminhos da *oikoumene*.

Siglas

AAS – *Acta Apostolica Sedis*
AEB – Aliança Evangélica Brasileira
AEvB – Aliança Evangélica do Brasil
AG – *Ad Gentes*
ARCIC – Anglican-Roman Catholic International Commission
ASEL – Ação Social Ecumênica Latino-Americana
ASTE – Associação de Seminários Teológicos Evangélicos
BEM – Batismo, Eucaristia, Ministério
BI – Boletim Informativo
CBC – Comissão Brasileira de Cooperação
CDC – Código de Direito Canônico
CEB – Confederação Evangélica Brasileira
CEBI – Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos
CECA – Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria
CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CEDRA – Comissão de Ecumenismo e Diálogo Religioso da Arquidiocese de São Paulo
CEI – Centro Ecumênico de Informação
CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano
CEP – Comissão Episcopal de Pastoral
CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviços
CESEP – Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular
CF – Campanha da Fraternidade
CLAI – Conselho Latino-Americano de Igrejas
CM – Comunicado Mensal
CMI – Conselho Mundial de Igrejas
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CONAC – Comissão Nacional Anglicano-Católica
CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil
CPPUC – Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos

DGAE – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DGAP – Diretrizes Gerais da Ação Pastoral
DH – Denzinger-Hünermann
DH – *Dignitatis Humanae*
DP – Documento de Puebla
DSD – Documento de Santo Domingo
DTMAT – Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento
DTNT – Diccionario Teológico del Nuevo Testamento
DV – *Dei Verbum*
EC – Estandarte Cristão
EO – *Enchiridion Oecumenicum*
EG – *Evangelii Gaudium*
EDI – Encontro de Dirigentes de Igrejas
FENIP – Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas
FLM – Federação Luterana Mundial
GERT – Grupo Ecumênico de Reflexão Teológica
GS – *Gaudium et Spes*
ICOSB – Igreja Católica Ortodoxa Siriana do Brasil
IEAB – Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil
IELB – Igreja Evangélica Luterana no Brasil
INP – Instituto Nacional de Pastoral
IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil
IPU – Igreja Presbiteriana Unida
ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina
ISER – Instituto de Estudos da Religião
JPIC – Justiça, Paz e Integridade da Criação
LG – *Lumen Gentium*
LS – *Laudato Si'*
NA – *Nostra Aetate*
OE – *Orientalium Ecclesiarum*
OES – Organizações Ecumênicas de Serviço
PCUSA – Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América (Região Norte)
PCUS – Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos (Região Sul)

PE – Plano de Emergência
PPC – Plano Pastoral de Conjunto
REB – Revista Eclesiástica Brasileira
RH – *Redemptor Hominis*
RM – *Redemptoris Missio*
SC – *Sacrosanctum Concilium*
SEDOC – Serviço de Documentação
SEI – Serviço Evangélico de Informação
SI – Service d'Information Catholique
SICA – Serviço Interconfessional de Atendimento
SON – Sínodo Ortodoxo Nacional
SPUC – Secretariado para a Unidade dos Cristãos
UNELAM – Unidade Evangélica Latino-Americana
UR – *Unitatis Redintegratio*
UUS – *Ut Unum Sint*